

## ENTRE A MODERNIDADE E A BARBÁRIE: REFLEXÕES SOBRE OS MODOS DE EXISTÊNCIA (IM)POSSIBILITADOS PELO “PROGRESSO”

STHEFANY LACERDA<sup>1</sup>; GIOVANA LUCZINSKI<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – [sthefanylacc@gmail.com](mailto:sthefanylacc@gmail.com)

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – [giovana.luczinski@gmail.com](mailto:giovana.luczinski@gmail.com)

### 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho trata-se de um recorte, fruto de uma pesquisa em andamento, na qual se investigam articulações possíveis entre dois problemas centrais: a Modernidade e a Barbárie. Parte-se de uma inquietação provocada pelo presente bárbaro - e aparentemente contraditório - em que nos inserimos: estamos diante de uma série de avanços científicos, que contrastam com a emergência de uma nova miséria, atrelada à retrocessos político-sociais - como já alertava BENJAMIN (1987). Assim, no âmbito da Psicologia e, mais especificamente, a partir da fenomenologia, pretende-se abordar algumas questões: O que barbárie significa? De que maneira o modo bárbaro de habitar o mundo se tornou possível e banal, ao ponto de sequer ser percebido? Como, o que e quem deu condição de possibilidade à barbárie que assistimos e da qual, involuntariamente, participamos? E ainda: Se há uma forma de barbárie específica, contemporânea, o que a caracteriza nesse período histórico?

Convencionou-se chamar de Modernidade o período histórico compreendido entre os séculos XV e XIX (FIGUEIREDO, 2007). Neste trabalho, tal fenômeno é tomado enquanto tempo-conceito, a partir da caracterização empreendida pelo filósofo WALTER BENJAMIN (2020). Na perspectiva benjaminiana, trata-se de uma época de grande progresso científico-tecnológico, situada sobretudo no norte global e que modificou profundamente as relações sociais e as subjetividades.

O projeto da modernidade caracteriza-se por fundar-se em um pensamento universalizante, dicotômico e fundamentalmente cindido, de caráter positivista, branco, masculino e eurocêntrico, imposto como o único possível e cientificamente válido. Trata-se, portanto, de uma atitude que opera por oposições. Isso se verifica se pensarmos conceitos que se definem à medida em que são colocados como opostos: primitivo/bárbaro x evoluído/civilizado, humano x não-humano, etc. Nesse processo, marcado por uma separação que hierarquiza, erige-se um entendimento unitário e descorporificado de humanidade, apartada da Terra e dos demais seres vivos. A partir disso, diversos modos de existência são marginalizados, de modo que a muitos têm sido negado, no processo histórico em curso, o estatuto de humano (KRENAK, 2019). Além disso, as relações com os não-humanos - e com a própria Terra - foram brutalmente alteradas, como o filósofo e antropólogo BRUNO LATOUR nos ajuda a compreender (LATOUR, 2020). Tal discussão, que envolve a Terra e os modos de existência humana (e não-humana), têm nos instigado a tecer diálogos com LATOUR. O autor nos situa diante de Gaia, isto é, diante de uma Terra-Sujeito - viva, animada, feroz, alheia às nossas pretensões antropocêntricas (LATOUR, 2020). Nesse sentido, questionamos: Que posicionamentos e deslocamentos essa constatação nos exige? O que isso significa para a Psicologia de cunho fenomenológico-existencial, em suas possibilidades de leitura, investigação e intervenção no mundo?

## 2. METODOLOGIA

Para transitar por esses temas, o presente trabalho guia-se pelo método fenomenológico de pesquisa, que permite investigações transdisciplinares, ao propor articulações entre as categorias do conhecimento - tradicionalmente separadas pelo positivismo. Trata-se de uma corrente de pensamento interessada pelo que se produz entre subjetividade e cultura, situando o lugar em que o conhecimento acontece (MERLEAU-PONTY, 1973). Investigam-se, então, os fenômenos em movimento, ou seja, os diversos modos de aparecer de um determinado objeto, para um observador-pesquisador implicado. Conforme ZAHAVI (2019), a postura fenomenológica pressupõe dar um passo atrás diante daquilo que se mostra, rompendo com a atitude natural e adotando uma atitude crítica em relação ao fenômeno. Assim, levando-se em conta a complexidade do problema de pesquisa, propomo-nos a construção de um diálogo entre pensadores de diferentes áreas, localizações geográficas e tempos históricos: o filósofo alemão WALTER BENJAMIN, o pensador e ativista indígena AILTON KRENAK e o antropólogo francês BRUNO LATOUR.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nosso presente é atravessado pelo que WALTER BENJAMIN (1987) anunciou, em seu ensaio *Experiência e Pobreza*, como nova barbárie. Esta teria sido inaugurada pela emergência de uma nova miséria, que o autor localiza na Primeira Guerra Mundial. Trata-se do momento de apogeu da técnica, que coincide com o declínio da capacidade humana de fazer experiências - e de comunicá-las. Tal processo é fruto de algumas décadas devotadas ao projeto moderno de supremacia da técnica, culminando na vitória do *animal laborans* - o ser humano que vive de forma cíclica, imerso no trabalho como meio para a busca de sobrevivência e fruição - como acusa HANNAH ARENDT (2007). Nesse processo, dá-se a vitória do trabalho repetitivo e do consumo, pautados pela busca por um bem-estar individual, distanciado de concepções coletivas de cuidado com o mundo.

WALTER BENJAMIN (2020) enxerga o fenômeno da Modernidade com um espanto característico. A dimensão de espaço aparece muito na obra do autor, pela inquietude que gera nele a emblemática Paris - talismã da modernidade, considerada por ele a capital do século XIX. O autor aponta que as modificações tecnológicas suscitadas por esse período implicaram em transformações profundas na vida social: modificaram-se os modos de comunicação, a divisão do trabalho, as formas de consumo e, de forma marcante, as estéticas urbanas. Além disso, BENJAMIN nos ajuda a perceber que o modo moderno de compor - e de decompor - mundos repercutiu significativamente na realidade subjetiva dos sujeitos, o que se reflete, sobretudo, na produção artística da época (BENJAMIN, 2020).

A barbárie é um conceito complexo, que costumamos definir a partir de uma ótica dualista/moderna/colonial, ancorada, portanto, em uma separação que não admite aproximações. Comumente, a compreendemos enquanto contraposta à ideia de cultura: só se sustenta, portanto, à medida em que se opõe a uma ideia de civilização. Porém, é curioso observar que a forma predatória com que o ser humano tem habitado a terra é a que se diz, ao longo da história, civilizada. Assim, sob o aval das promessas civilizatórias, associadas à ideologia do progresso, uma série de barbáries vêm sendo praticadas. BENJAMIN (1987) já nos ajuda a perceber, em suas teses *Sobre o conceito de história*, que a barbárie e a cultura não estão tão afastadas assim, quando afirma que “nunca houve um monumento da cultura que não fosse também um monumento de barbárie” (p. 225).

As promessas modernas de conforto e de bem-estar, por sua vez, fomentam como nunca o modo de produção capitalista, que vê nos avanços tecnológicos a oportunidade de lucros infundáveis. Grande crítico do capitalismo - e da ideologia do progresso, característica da Modernidade - BENJAMIN (1987) questiona a visão moderna do processo histórico. Tal visão, orientada por uma perspectiva positivista de linearidade e evolução, deixou ocultas “as características destrutivas incorporadas no conceito de cultura” (KANG, 2009. p. 218). Nesse sentido, Benjamin designa por barbárie as consequências catastróficas que marcam a história mundial especificamente ao longo do século XX, período de totalitarismos ascendentes e das duas grandes guerras mundiais. Na visão do autor, portanto, a construção de uma ideia de história calcada no positivismo, “sob a rubrica da cultura”, desempenhou um importante papel no que se refere às condições de possibilidade para a emergência da barbárie (KANG, 2009. p. 218). Isso abriu margem para uma instrumentalização das descobertas científicas e dos avanços tecnológicos, os quais foram recebidos acriticamente pela sociedade. Assim, respaldados pela aposta no progresso e na evolução infinita, tais avanços assumiram, em última medida, os contornos de uma “regressão social”.

Contemporaneamente, em outro tempo-espaço do planeta, no sul periférico, o pensador indígena AILTON KRENAK (2019) nos ensina que a ideia de humanidade enquanto “uma só” emerge na Modernidade. A partir desse período histórico, um modo de existência específico passa a ter centralidade e a ocupar o poder político, o que abre margem para uma série de violências contra aqueles que diferem desse ideal. Ainda, conforme KRENAK (2019), a ânsia por consumir a Natureza conecta-se à ânsia por consumir subjetividades, de modo que legitima-se a dominação de quaisquer seres - humanos ou não-humanos - que possam representar algum empecilho à marcha do progresso. É nesse contexto que o empreendimento Colonial ganha fôlego, coincidindo com o modo moderno-capitalista de compor/decompor mundos. Nesse processo, inúmeras existências são deslocadas para as margens e “dominadas” pelo (euro)centro (KRENAK, 2019).

Além disso, o modo moderno-colonial-capitalista de habitar o planeta nos conduziu a uma crise “ambiental” cada vez mais evidente, em que a “Natureza” tem assumido uma importância crescente no debate político. Inquieto por tais problemas, o antropólogo BRUNO LATOUR (2020) afirma que estamos diante de Gaia, ou seja, diante de uma Natureza-Sujeito, que age explicitamente sobre nossas existências e que precisa ser considerada, urgentemente, do ponto de vista político. O autor afirma que, para fazermos face à Gaia, precisamos superar a dualidade erigida pelo pensamento moderno, repensando categorias até então apartadas, como a de Natureza/Humano. Para ele, é preciso redefini-las, sobretudo no que se refere à redistribuição das suas potências de agir, levando em conta as agências que estabelecem e as redes nas quais se inserem. Nessa perspectiva, a Terra, considerada enquanto Natureza-Sujeito, retroalimenta as ações humanas e, ao mesmo tempo, é retroalimentada por nossa capacidade de agir. Por isso, é fundamental refletirmos sobre os diferentes modos de existência - humana e não-humana - (im)possibilitados pelo modo moderno-colonial-capitalista de habitar a Terra, atentando para a responsabilidade que nos cabe diante do assustador presente que temos diante de nós.

Daí a importância de olharmos para esse fenômeno complexo desde a Psicologia, tendo em vista o interesse que este campo deveria ter pelas inúmeras formas de sofrimento psíquico engendradas por esse processo, bem como pelos diferentes domínios (de cunho moderno-colonial-capitalista) aos quais certas subjetividades estão sujeitas. Isso influencia no desenvolvimento de recursos

psíquicos para lidar com a força da modernidade bárbara, que avança sobre humanos e não-humanos, de braços dados com o progresso. Enfrentar essas questões está relacionado às possibilidades de resistência social e, no âmbito pessoal, à produção de saúde mental-existencial.

#### 4. CONCLUSÕES

Com a Modernidade, dissemina-se um pensamento dicotômico, hierárquico, instrumental e universalizante, movido pelo impulso de dominar e de supostamente civilizar modos de existência destoantes de uma norma, estabelecida como versão única da humanidade. Tal operação justificou o exercício de um domínio cultural sobre os povos considerados primitivos ou “inferiores” - algo que, atrelado à colonização e ao capitalismo, têm engendrado o apagamento de inúmeros modos de existência. Além disso, a dominação das subjetividades conecta-se com a dominação do planeta, conforme KRENAK (2019). Desembocase, então, em uma normalização da barbárie, em que uma diferenciação hierárquica legitima o domínio de um modo de existência sobre os demais. Trata-se de uma importante constatação para a Psicologia, tendo em vista que lutar pela emancipação dos sujeitos significa lutar por um modo diferente de habitar o mundo.

Compreende-se, portanto, que o pensamento moderno antropocêntrico nos faz deslocar para o centro do mundo o humano, como ser que possui um valor hierarquicamente superior em relação aos outros animais e espécies. Mas o faz também em relação a seus semelhantes, à medida em que concede centralidade a um modo de existência bastante específico, com cor, gênero e localização geográfica próprias. Assim, o fenômeno da Modernidade pode ser articulado com o da barbárie, fomentando uma discussão que interessa à Psicologia em suas vertentes social, política e clínica - que são inseparáveis quando se consegue romper a dualidade moderna. Como continuidade da pesquisa, pretende-se aprofundar as interlocuções aqui esboçadas, dialogando com o pensamento de DONNA HARAWAY e BRUNO LATOUR.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARENDDT, H. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.
- BENJAMIN, W. **Baudelaire e a Modernidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.
- BENJAMIN, W. Experiência e pobreza. In: **Magia e Técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1987. (Obras escolhidas, volume 1).
- BENJAMIN, W. Sobre o conceito de história. In: **Magia e Técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1987. (Obras escolhidas, volume 1).
- BENJAMIN, W. **Rua de mão única**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.
- FIGUEIREDO, L. **A invenção do psicológico: quatro séculos de subjetivação**. São Paulo: Escuta, 2007.
- KANG, J. O espetáculo da Modernidade. **Novos Estudos**. jul. 2009
- KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. Companhia das Letras: São Paulo, 2019.
- LATOUR, B. **Diante de Gaia: Oito conferências sobre a Natureza no Antropoceno**. São Paulo: Ubu, 2020.
- MERLEAU-PONTY, M. **Ciências do Homem e Fenomenologia**. São Paulo: Saraiva, 1973.
- ZAHAVI, D. **Fenomenologia para iniciantes**. Rio de Janeiro: Via Verita, 2019.